

## PLANO DE GESTÃO: SÍTIO HISTÓRICO URBANO (SHU) 'RUA DO PORTO' - PIRACICABA - SP

**Marcelo Cachioni, Maira Cristina Grigoletto, Juliana Binotti Pereira Scariato**

DPH IPPLAP

Mail: [mcachioni@gmail.com](mailto:mcachioni@gmail.com)

[magrigo@hotmail.com](mailto:magrigo@hotmail.com)

[jubinotti@uol.com.br](mailto:jubinotti@uol.com.br)

### RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar reflexões resultantes dos estudos desenvolvidos sobre o Sítio Histórico Urbano 'Rua do Porto' em Piracicaba - SP Brasil, tendo como enfoque a constituição da paisagem cultural e quatro elementos: a água (relação do homem com o meio), o peixe (arte do saber/fazer), as olarias (atividade profissional e característica construtiva) e a produção da pamonha (arte do saber/fazer). Tais análises embasam histórica e culturalmente o Plano de Gestão proposto para área, cuja base conceitual se fundamenta na concepção de paisagem cultural.

Por meio de um percurso retrospectivo sobre as vivências às margens do Rio Piracicaba, foi possível verificar como esses itens têm ou tiveram suas existências e representações marcadas pelas características ribeirinhas de 'ser' e 'viver'. É possível perceber como foram constituídos por meio da organização da memória histórica e afetiva, resultante de um processo de seleção baseado em ações do poder público e dos cidadãos em suas manifestações de 'contra poder'.

**Palavras chave:** Paisagem Cultural, Piracicaba, Bairro Rua do Porto

### ABSTRACT

This paper aims to present reflections resulting from developed over the Urban Historic Site 'Rua do Porto' studies in Piracicaba - SP Brazil, having as focus the constitution of the cultural landscape and the four elements: water (man's relationship with the environment), fish (art of know-how), the potteries (occupation and constructive characteristic) and the pamonha's production - a kind of sweet corn cake (art of know-how). These analyzes underlie historical and culturally Management Plan proposed to this area, whose conceptual basis is based on the concept of cultural landscape.

Through a retrospective journey experiences on the Rio Piracicaba banks, it was possible to see how these items have either had their existence and representations marked by riverine characteristics of 'being' and 'living'. You can see how they were made through the historical and affective memory organization's, resulting in a selection process based on actions of government and citizens in their expressions of 'counter-power'.

**Key words:** Cultural Landscape, Piracicaba, Rua do Porto Neighborhood

## OBJETIVOS

Os objetivos do trabalho consistiram em revisar procedimentos de preservação e conservação do SHU Rua do Porto, propondo ações que valorizem/preservem a paisagem cultural do SHU Rua do Porto; além de instrumentos e mecanismos para organização da área em vistas à manutenção da vida social dos moradores e das características residenciais próprias do SHU 'Rua do Porto'.

## METODOLOGIA

A metodologia adotada parte dos preceitos determinados pela Carta de Petrópolis e consiste na análise da área com relação ao processo de tombamento, ao Plano Diretor vigente (com todas as suas alterações) e aos anseios atuais (pedidos de alteração de imóveis na área); na caracterização da área, com mapas, fotos e desenhos de todos os imóveis que fazem parte do conjunto histórico-arquitetônico do perímetro de tombamento; no diagnóstico de todo o conjunto, levando em consideração as reformas realizadas em imóveis da área, que se encontram contraditórias ao processo de tombamento; também a realização de um novo zoneamento para a área, com a criação de regras específicas para cada porção territorial pré-estabelecida pela análise do conjunto; além da definição de critérios específicos para cada parte do conjunto tombado.

## HIPÓTESES

Ao início dos trabalhos a equipe contava com as seguintes hipóteses:

A desindustrialização gradativa do local mudou o perfil do bairro; a poluição do rio afastou a população que frequentava o Clube de Regatas para práticas esportivas, mas a instalação de bares e restaurantes impulsionou o uso turístico e a procura pelo local para lazer familiar; a ausência/omissão de fiscalização sobre obras clandestinas e a permissividade na aprovação de projetos causaram/aceleraram o processo de descaracterização do conjunto tombado, ações desprovidas de gestão e planejamento afetam a paisagem cultural ali constituída.

### **1. Aspectos históricos e culturais: a edificação da paisagem cultural, os usos do lugar e a vida ribeirinha**

Desde o final do século XVIII, com a ocupação da margem esquerda do Rio Piracicaba em 1784, e com a construção da nova Matriz, foi iniciada uma estruturação urbana específica com diferentes formas de relações e vivência do homem com/nos espaços recém-ocupados. Nesse período, Piracicaba (ainda Vila Nova da Constituição) se configurava somente na Rua do Porto (Rua da Praia), e o Largo dos Pescadores era seu logradouro principal; local que permitia que a comunidade mantivesse o vínculo com o rio "*seja como roceiros, pescadores ou interessados nos comboios que pediam passagem para o rumo dos Campos de Araraquara*" (PERECIN, 1992, s/n).

A configuração da paisagem cultural do bairro Rua do Porto, no século XIX, foi marcada pela construção de pontes, casas ribeirinhas, empreendimentos industriais, parques e largos, e da firmação do modo de ser ribeirinho (artes do saber e do fazer), etc. Do mesmo modo, destacam-se diferentes formas de utilização e vivência às margens do rio Piracicaba e a divisão da área em trechos enobrecidos e 'desvalorizados'; questão que se alterou em diferentes historicidades.

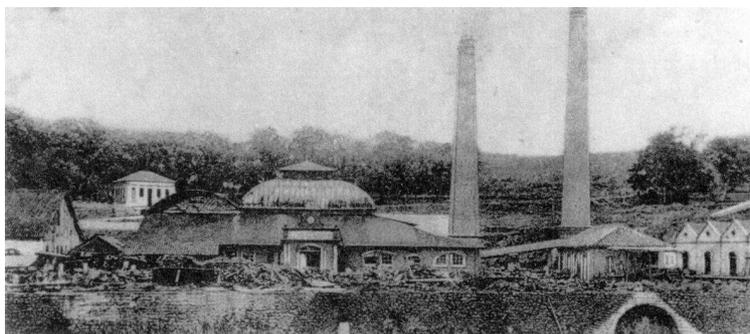
Durante o século XIX, a intensificação das edificações ribeirinhas com as instalações fabris e o casario dos pescadores, auxiliou no processo de construção da paisagem cultural desta localidade. Em 1823, por exemplo, devido à necessidade de comunicação entre a Vila da Constituição com o sertão, foi necessária a edificação de uma ponte sobre o Rio Piracicaba, o que garantiu um diferencial no desenvolvimento das comunidades e deu início a inclusão de elementos da cultura material no ambiente natural. Esta foi instalada à altura do atual Largo dos Pescadores e, embora tenha sido substituída, é um dado referencial de interesse nesta apresentação retrospectiva.

O espaço de convívio público era o Largo dos Pescadores, que foi por muito tempo o verdadeiro centro da comunidade que havia se mudado para a margem esquerda. Neste local, havia uma vendinha onde os cavaleiros e tropeiros, provenientes do sertão, abasteciam-se, trocavam suas mercadorias e descansavam. Ali também era um Largo Civil da população, onde ouviam modas de viola, dançavam cateretê ou desafiavam-se nas rodas de cururu (PERECIN, 1992).

Sobre a formação da Rua do Porto, Camargo (1899, p. 265) expõe que esta se configurou em um pequeno largo, de forma triangular, muito pedregoso, que ficava em frente ao palacete do Dr. Buarque de Macedo (Palacete Luiz de Queiroz), o último prédio na Rua Prudente de Moraes. Na Rua do Porto existiam 87 casas

numeradas, todas à esquerda de quem desce para o rio, sendo que oito destas eram olarias. Para o autor “*é a rua das olarias, como já o foi dos pescadores, das monções, etc.*” - e, posteriormente, dos bares e restaurantes.

Outras configurações espaciais, relações e interesses voltados à utilização da área ribeirinha, sejam para atividades fabris ou de lazer/convívio, começaram a se configurar no final do século XIX, em grande medida pelos incentivos promovidos pelas fábricas construídas nas margens esquerda e direita do Rio e pelos novos moradores/utilizadores que eram mais abastados. Duas instituições fabris foram instaladas próximas ao Salto do Rio Piracicaba, incluindo novos itens nesta paisagem cultural: a Fábrica de Tecidos Santa Francisca (segunda casa industrial de Piracicaba, fundada em 1873 na margem esquerda, por Luiz de Queiroz); e o Engenho Central, fundado na margem direita, em 1881, pelo Barão de Rezende. Entre os séculos XIX e XX, os industriais que se estabeleceram às margens do Rio Piracicaba destinaram parte de suas terras para a construção de praças-parque, que serviam como espaços para atividades de lazer e contemplação da paisagem próxima ao Salto. Dentre as praças-parques, citamos: Praça Ermelinda Ottoni (Boyes), os Parques Sachs, Barão de Rezende (antes Jardim da Ponte) e do Mirante.



**Engenho Central de Piracicaba, no início do século XX**  
(DPH IPPLAP).



**Cia. Industrial e Agrícola Boyes.**

A margem esquerda do Rio Piracicaba, principalmente nas proximidades do Largo dos Pescadores e da Rua do Porto, passou a ser vista como a parte periférica da cidade, tendo sido constituída nos primórdios da ocupação, e configurado uma vivência e identidade característica de seus moradores (pescadores, trabalhadores das olarias, etc.). Importante para o convívio das comunidades locais, vivências de sua cultura e frequentada pelos viajantes, não era um espaço que permitia a integração entre diferentes grupos da sociedade em função da imagem que, desde o século XIX, foi atrelada ao local. Assim, é possível verificar que no final deste século, foram organizados espaços de lazer diferenciados, mais estruturados e, de certa maneira, aproximados aos padrões europeus; os quais ficavam mais próximos dos novos empreendimentos fabris e do Salto do Rio Piracicaba - área nobre da paisagem natural.

Otero e Souza (2011) destacam que, em 1892, as áreas da primitiva ocupação já se configuravam como periferia da cidade, entretanto, constituíam-se como lugar de resistência popular contra as iniciativas sanitaristas desenvolvidas pela administração pública. Estas medidas compreendiam a intervenção policial e a proibição da Câmara Municipal para a instalação, nas áreas mais centrais, de empreendimentos destinados à prática de jogos, bebedeiras e orgias, ficando estes restritos ao Largo Santa Cruz e à Rua do Porto. Interessante percebermos que a principal manifestação cultural de Piracicaba, a Festa do Divino Espírito Santo, realizada desde 1826, continua acontecendo nesta localidade, tendo sobrevivido a certa marginalização associada ao Largo dos Pescadores. Atualmente, este ainda é um espaço predominantemente voltado à realização de atividades populares, as quais buscam a vivência das tradições locais.



Em 1907 foi criado na Rua do Porto o Clube de Natação e Regatas de Piracicaba, considerado por Elias Netto (2000) como o *“local mais importante das recreações e dos esportes piracicabanos, reunindo famílias e jovens em torno de suas competições e promoções”*. Até a metade do século XX, havia um trampolim para mergulho próximo ao Largo, em frente ao extinto Clube. Anteriormente, havia no local um depósito da Companhia Fluvial, para onde chegavam barcos cheios de cargas (ELIAS NETTO, 2000, p. 129 *apud* OTERO; SOUZA, 2011, p. 22).

## 1.2. Os saberes e fazeres e a constituição da paisagem cultural

O bairro da Rua do Porto era habitado principalmente por pessoas humildes, sendo que algumas viviam das atividades da pesca e outras da fabricação de telhas e tijolos nas olarias ali instaladas em função da possibilidade de aproveitamento do solo argiloso. As chaminés remanescentes destas olarias são elementos integrantes da paisagem cultural desta área (CACHIONI, 2012a).

Elias Netto (2000, p. 80) mostra que esta era *“(...) a rua de cururu, de caninha verde, de cateretê, de umbigada, de boemia, de romance, marginalidade, ainda que marginalidade controlada. (...) mais do que uma história daquela rua, ficou o espírito dela, espírito de pescador. E de oleiro. De gente que sabe mexer com a terra e com a água, o barro e o peixe. Uma história feita de superstições, de sacralidade, de religiosidade sem religião”*. A arte da pesca era transmitida pelos pescadores, por vezes, mesclada de algumas crenças. Quando ensinavam como não perder um peixe revelavam alguns segredos (ELIAS NETTO, 2000).



Lavadeiras no Rio Piracicaba  
(Câmara Municipal de Piracicaba).



Casario em meio às olarias  
(Câmara Municipal de Piracicaba).

Affonso Pecorari era considerado o maior pescador de dourado, o peixe mais apreciado pela culinária local. Em seu armazém (onde abriga atualmente o Restaurante Arapuça) havia todos os utensílios para pesca que ele mesmo produzia para vender: varas, anzóis, redes. Além disso, alugava cinco canoas para pescadores amadores junto com uma cesta de alimentos - suficiente para passar alguns dias no rancho pescando. A ‘comida caipira’ piracicabana - paulista com estilo mineiro - em muito teve influência dos tropeiros, das monções, dos escravos; sendo que, somente no século XX, foram incluídas as referências alemã, italiana, árabe e espanhola. A base da culinária era o milho, o feijão, a mandioca e, além dos peixes que se pescavam em Piracicaba, havia a caça de pacas, veados, capivaras, porcos-do-mato, etc. Os peixes eram preparados de diferentes formas: assado na própria casca, em cima da brasa, no espeto ou no molho. O cuscuz (de peixe) do Divino, preparado desde os primórdios da Festa do Divino pelas negras ribeirinhas, era feito no cuscuzeiro e cozido pelo vapor. Em algumas festas, principalmente, na Rua do Porto havia concurso para escolher o cuscuz mais saboroso ou mais bonito (ELIAS NETTO, 2000).

No universo ribeirinho as festas foram/são bastante marcantes, sendo a mais tradicional: a do Divino Espírito Santo. As festas juninas (de São João, São Pedro e Santo Antônio) também eram muito frequentadas e, mesmo quando realizadas ou iniciadas em outras localidades, terminavam na Rua do Porto. Nestas festividades a venda do Affonso Pecorari era a grande atração. *“A rua do Porto, então, via o dia amanhecer. O quentão animava as gentes e Nhô Belisário marcava a quadrilha, enquanto Bepe, o italiano, tocava sanfona sem parar. Quando o dia raiava, a rua do Porto silenciava e os foliões retornavam às suas casas, encontrando outros que haviam ‘festado’ nas ruas de Piracicaba, em junho de 1900”* (ELIAS NETTO, 2000, p. 91).

Em finais da década de 1960, foi instalada na Rua do Porto, 1825 (local do atual bar Canoas), a fábrica de pamonha de Washy Rodrigues. A produção da pamonha pela família Rodrigues teve início com Leopoldina (tia de Washy e Noemy), que era uma comerciante de diversos produtos e que, entre as décadas de 1940 e 1950, resolveu também comercializar pamonhas. O auge da produção e fornecimento da pamonha ocorreu no período em que a fábrica esteve instalada às margens do rio Piracicaba; referência pouco mencionada nos estudos realizados até o momento. Entre o final da década de 1960 e durante a década de 1970 a pamonha começou, efetivamente, a ser reconhecida como produto piracicabano; não pela origem, mas pela qualidade e, posteriormente, pela gravação feita por Dirceu Bigelli, que começou a ser utilizada pelos vendedores internos e externos nos autofalantes de carros (TL Volkswagen) e Kombis.

### 1.3. A degradação e o processo de (re)valorização e requalificação da área

Até a década de 1960, não houve mudanças significativas no território, salvo iniciativas ligadas a promoção de lazer e turismo. João Chiarini (folclorista/memorialista piracicabano) relatou suas impressões sobre o processo de mudança da Rua do Porto com a evolução da cidade.

*“Em 1931, foi derrubada a olaria, à esquerda da rua 15 de novembro. Em 1935, a alfândega caiu com o temporal. Ficava ao lado da falsa Casa do Povoador, na subida de sua lareira. Em 1937, o Clube de Regatas demoliu seu barracão, que era estaleiro para barcos. (...) Francisco Duarte Novaes (Chico Manduca) plantara e cuidara de uma muda que é, hoje, a enorme árvore do Largo dos Pescadores, agora Largo da Sombra! Ele a recebeu de Fúlvio Morganti e ali plantou-a há mais de 50 anos. (...) A casa de Maria Pituça, mãe de Esmeraldo Moreira, a de João Pica-Pau, a de Antonio Pense, a de João Negrinho, a olaria Pecorari, a olaria de Elias Cecílio, foram demolidas. (...) muitos pescadores tinham suas casinholas próprias, ou então alugavam-nas. (...) Nelas deixavam os trens de pesca. (...) A olaria do Nering é de 1908. Restou-lhe a chaminé, porque querem simbolizar a Rua do Porto. A olaria acima corresponde à primeira intromissão da indústria cultural. (...) A descaracterização da Rua do Porto começa em 1907 com a fundação do Clube de Regatas, com a cerâmica Nehring, em 1908. (...) Em frente à olaria do Elias Cecílio, junto ao antigo campo do União Porto F. C., havia o último pouso dos irmãos do rio abaixo, uma palhoça, construída por José Viegas Muniz em 1862, que introduziu o Encontro das Bandeiras em nossa Festa do Divino” (A PROVÍNCIA apud ELIAS NETTO, 2000, p. 317).*

Após a década de 1960, o enfoque se constitui para a questão das transformações da área, impulsionadas pelo aumento do processo de especulação turística e imobiliária. Neste período, é possível verificar que houve um processo dinâmico de (re)significação das tradições e vivências locais com o aparecimento dos novos usos para a Rua do Porto, transformada em centro gastronômico. Já, entre as décadas de 1970 e 1980 foram iniciadas intervenções do poder público com a proposta de tratamento, (re)valorização e requalificação da área prejudicada pela poluição do rio que afastou a população que buscava as atividades esportivas, principalmente no Clube de Regatas. Tais procedimentos demonstram a necessidade de fiscalização e organização do conjunto em detrimento de áreas especiais.

Com relação ao século XXI, destacam-se os esforços direcionados no sentido de tratamento do todo, por meio de proposições para manutenção e gestão constante/integrada da paisagem cultural da Rua do Porto: o Projeto Beira-Rio e o Plano de Gestão do SHU 'Rua do Porto'.



Paisagem cultural do SHU Rua do Porto  
(Justino Lucente)



Paisagem cultural vista pelo Rio Piracicaba  
(Justino Lucente)

Ao apropriar-se do território, principalmente da região da SHU Rua do Porto, a sociedade foi utilizando-o efetivamente num movimento que envolveu, ao longo de sua trajetória histórica, as limitações físicas de transposição do rio e a ocupação de suas margens, as atividades econômicas, sociais e culturais, e as transformações urbanísticas que distribuíram todos estes elementos numa lógica própria e peculiar. Esse processo de organização espacial é único e contribuiu para que esta área se tornasse um conjunto histórico-cultural de grande valor patrimonial.

Como entendida por Mascaró (2008), a paisagem cultural desta região pode ser definida como “*uma realidade ecológica, materializada fisicamente num espaço que se poderia chamar natural (se considerada antes de qualquer intervenção humana), na qual se inscrevem os elementos e as estruturas construídas pelos homens, com determinada cultura (...)*”. Assim, a paisagem passa a ser entendida como produto do processo de humanização que modificou os meandros naturais do rio, incorporando a ela atividades urbano-industriais, agrárias, econômicas, sociais e culturais, que foram formando as diferentes percepções visuais que hoje estão materializadas no cenário da cidade. Segundo Weissheimer (2009) “*o conceito de paisagem cultural já é utilizado em outras partes do mundo - como na Espanha, na França e no México, por exemplo - e viabiliza a qualidade de vida da população e a motivação responsável pela preservação desse patrimônio*” (WEISSHEIMER, 2009). Estas inúmeras camadas de atividades socioeconômicas e culturais devem ser preservadas para a revalorização dos espaços da cidade, principalmente desta região do SHU Rua do Porto. A formação do território por meio de sua história faz compreender a importância na manutenção dos espaços e na contínua conformação e desenvolvimento da cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com relação às hipóteses sobre a área em estudo, foi possível confirmar que de fato a desindustrialização gradativa do local causou a mudança no perfil do bairro, anteriormente caracterizado pela forte presença da atividade industrial, que conforme a fechamento das mesmas, passou a concentrar atividades comerciais além das residências; também é possível perceber que com o fechamento do Clube de Regatas por crescente desinteresse da população em desenvolver atividades esportivas no rio poluído, o lazer praticado no local mudou de perfil, sendo concentrado nos bares e restaurantes que impulsionaram o uso turístico e a procura pelo local para lazer familiar. Com relação à degradação do patrimônio edificado, é possível também constatar ausência/omissão de fiscalização sobre obras clandestinas e a permissividade na aprovação de projetos causaram/aceleraram o processo de descaracterização do conjunto tombado, uma vez que as obras clandestinas são recorrentes e raramente punidas exemplarmente. Além da falta de fiscalização, a ausência de gestão e planejamento afetaram trechos da paisagem cultural ali constituída.

Apesar das ocorrências, os moradores preservam características da vida social no SHU. A preservação do cenário das diversas formas de paisagens localizadas no complexo urbano do SHU Rua do Porto irá contribuir com a revalorização do passado e com as referências da memória, impondo à sociedade um novo reconhecimento de sua própria história. A garantia da preservação deste núcleo urbano é base fundamental para a consolidação do turismo no local, pois como depositário de patrimônios históricos e referências culturais, esta área passará a constituir um dispositivo para o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade, devido principalmente ao seu potencial turístico.

No caso em análise, é preciso um processo de amadurecimento do conceito de paisagem cultural para que sua inserção como base metodológica de um plano de gestão seja assimilada. O estabelecimento de uma chancela, neste caso, não se configura uma medida efetiva, se não houver intensa fiscalização aliada ao planejamento das ações. A aplicação da base teórico-conceitual da ‘paisagem cultural’ à gestão foi a principal contribuição deste trabalho que, pelo processo de reavaliação da área e elaboração de Plano de Gestão, teve como enfoque não somente a valorização e proteção, mas a construção de subsídios para a conservação integrada por meio do diálogo entre a preservação, planejamento e transformação/desenvolvimento. Nesse sentido, os aportes da experiência relatada tiveram como pressuposto a análise dos processos de transformação de uma área valorizada como bem patrimonial e os elementos necessários para o seu constante gerenciamento.

## **BIBLIOGRAFIA**

- AGAMBEN, Giorgio (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- CACHIONI, Marcelo (2012a). *O papel pioneiro de Piracicaba na construção fabril na província de São Paulo*. En Colóquio Latino-americano sobre Preservação e Recuperação do Patrimônio Industrial. São Paulo: TICCIH.
- CAMARGO, Manoel de A (1899). *Almanak de Piracicaba para 1900*. São Paulo: Tipografia Hennies Irmãos.
- CERTEAU, Michel de (2004). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

ELIAS NETTO, Cecílio (2000). *Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX*. Piracicaba: Editora Unimep.

FOUCAULT, Michel (1996). *A ordem do discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola.

FOUCAULT, Michel (2008). *Nascimento da biopolítica*. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes.

MASCARÓ, Juan Luis (2008). *Infraestrutura da paisagem*. Porto Alegre: Masquatro Editora.

MURGUIA, Eduardo Ismael (2011). Archivo, memória e historia: cruzamientos e abordajes. Íconos. *Revista de Ciencias Sociales (Quito)*. 41. 17-37.

NORA, Pierre (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP (São Paulo)*. 10. 7-28.

OTERO, Estevam Vanale; SOUZA, Maria Beatriz Silotto Dias de (2011). *A Reconquista das Margens do Rio Piracicaba: uma reconstrução histórica à guisa de introdução*. En IPPLAP. Piracicaba, o rio e a cidade: ações de reaproximação. Piracicaba: IPPLAP.

PERECIN, Marly Therezinha (1992). *Três momentos históricos da fundação de Piracicaba*. Programa Oficial do 225º Aniversário de Fundação de Piracicaba (01/08/1767). Piracicaba.

WEISSHEIMER, Maria Regina (2009). *Paisagem Cultural*. Brasília: IPHAN.

«Fuentes electrónicas».

<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a09v14nspe.pdf>. (Consulta: 14/09/2010).